

UM OLHAR OUTRO

É sexta-feira santa hoje. Vivemos ontem um dia especial. Ele é sempre especial, mais ainda para um padre. Por experiência, este dia, tido como o do nascimento do sacerdote da Nova Aliança, reveste-se para mim de um significado muito próprio: dia de tomada de consciência do que sou, como eleito de Deus e enviado para servir o seu povo, e da missão que a Igreja me confiou. Fez-me falta estar na Sé de Braga à volta do meu bispo e rodeado dos colegas sacerdotes.

Procurei não me perder no meio de tensões, de que não estava à espera. E partilho este «olhar» especial com todos aqueles que me lêem.

A ideia vinha ganhando corpo há dias. Mas só na terça-feira a assumi como possível e a anunciei. Passamos tempos excepcionais. As pessoas estão confinadas ao seu espaço familiar. Já lá vai quase um mês.

Entre nós, em Barcelos, a quinta-feira santa é dia de uma feliz tradição: as famílias saem à rua e entram nas igrejas, muito bem ornamentadas, rezam e apreciam, convivem e até as crianças se deliciam com a partilha de amêndoas. Porque não – pensei eu e, felizmente, muitos outros pensaram ao mesmo tempo e mo fizeram sentir – levar o próprio Cristo no Santíssimo Sacramento às «igrejas domésticas» que começam a sentir-se necessitadas de sinais de festa nesta hora sentida como tão longa e que «nunca mais passa»? Contactadas as autoridades civis e explicadas as intenções, nada fazia supor que, agravadas as condições de permanência em casa no período pascal, haveria um volte-face de última hora.

Muitas horas de trabalho depois, com enorme gosto pela família do Carlos Carvalho, e outros colaboradores generosos, para engalanar um carro dos bombeiros, a quem muito agradeço, eles que estão sempre disponíveis generosa e graciosamente para colaborar com a Paróquia, eis que se põe a questão de obediência ou desobediência a indicações superiores, nem sempre bem identificadas ou interpretadas. Conheci atempadamente o aviso do meu bispo que, sempre colaborante com as autoridades civis, dizia a todos os padres que «não deve ser realizado qualquer tipo de Compasso Pascal». Aceitei, mesmo com evidente desconforto, que não poderia ir pelas ruas no domingo para que as pessoas, de casa, pudessem ver a cruz pascal. Mas entendi que tal não punha em causa o que projectara para a noite. E decidi sair com o carro, com um pouco de música que acompanhasse a bênção que, com o Santíssimo Sacramento, queria levar às famílias de Barcelos.

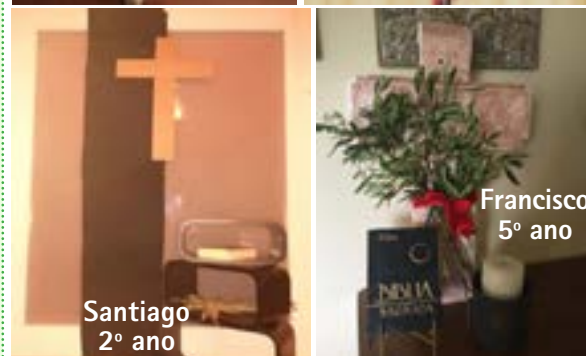
Pressões de última hora – que me fizeram pensar em excesso de zelo por parte dos que executam decisões superiores, ou estas exageradas e insensíveis a outros valores bem humanos, «laicismo agressivo» para com as manifestações cristãs – levaram-me a decidir (ouvidos os que deram corpo à ideia, sempre com o cuidado das distâncias devidas e o respeito pelas regras estabelecidas) cingir-me ao essencial. E o essencial da iniciativa era mesmo e só: levar às famílias a bênção de Jesus Eucaristia. No exercício específico do meu ministério pessoal, como padre, e institucional, como pároco, saí para a rua, mais cedo que o previsto, para rezar pelo meu povo, levando Jesus pelas ruas da cidade.

Foi maravilhosa a maneira como as pessoas reagiram: desde o passa a palavra às redes sociais e aos avisos colados às portas de casa – não procurei saber quem o fez e como o fez, apenas apreciei a espontaneidade e o valor das redes sociais – até à resposta ao apelo de iluminar as janelas com a luz das velas. Mais maravilhosa ainda a maneira como se manifestou a comunhão de vizinhos que, em grandes grupos às janelas, interagiam com a bênção que lhes dava e com as palavras que, de improviso, lhes dirigia. Importa agora dizer o que eu próprio senti, já que estas coisas acontecem e não se preparam nem seguem esquemas já testados. Na primeira hora, em que ninguém me esperava, eu entrava em cada rua e procurava identificar os moradores para fazer uma oração mais personalizada por cada família. Senti-me verdadeiramente pastor numa relação directa e única com as minhas ovelhas. A partir da segunda hora e durante todo o trajecto – foram três horas em que calcorreei todas as ruas da Paróquia – eu agradecia ao Senhor a fé das pessoas que me recebiam com tanta alegria e até o exprimiam. E pensava no que seria se eu não aparecesse, defraudando as expectativas criadas: seria uma terrível injustiça que nenhuma justificação perdoaria. E dei-me conta de que a intimidade da noite, iluminada pelos corações humanos, «entusiasmados», isto é habitados por Deus, nos permite uma comunicação muito intensa, excepcionalmente intensa, a valer por muitos discursos elaborados.

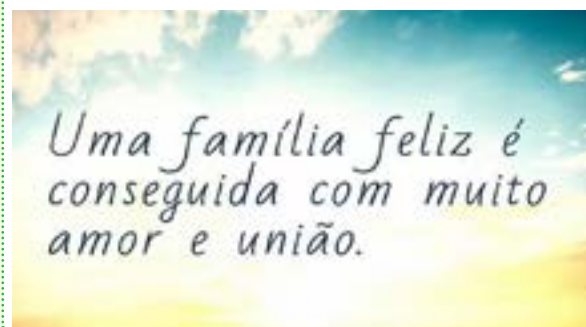
Uma noite única e muito feliz para mim. Obrigado às gentes de Barcelos.

O Prior – P. Abílio Cardoso

A ARTE NAS CRIANÇAS DA CATEQUESE



Mesmo sem as sessões de catequese, os nossos catequistas continuam empenhados em acompanhar as crianças e os pais na transmissão da fé. E dinamizaram-nos para a vivência da Quaresma. Eis alguns trabalhos (outros virão) que damos a conhecer.



Ano XVI - Nº 15 - 12 de Abril de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Ele está vivo, mas é verdade que morreu

Entre as duas afirmações acima, referidas a Jesus, qual a que tem mais peso na vida de cada um de nós?

A experiência da morte toca-nos a todos apenas indirectamente: é sempre a morte dos outros que sentimos, observamos e nos deixa inquietos. A nossa própria morte, que sabemos certa, nem dela gostamos de pensar. Mesmo que a idade ou uma doença nos aproxime dela, preferimos pensar que «não é para já».

ESTANDARTE DA PÁSCOA

Lembra-se às pessoas que quiseram assinalar a Quaresma com um estandarte de dupla face que é altura de o voltarem para a face branca, a cor festiva da Páscoa.

Mas a experiência de ressurreição, essa ninguém a tem. É-nos anunciada e percebida pela fé. Por isso dizemos: «creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna». E o que os crentes professam, mais ou menos convictamente, é aspiração humana, desejo profundo de que a morte permaneça sempre longe de nós. Os próprios não crentes reconhecem, com linguagem muito indeterminada mas igualmente bela que, diante da morte, somos muito iguais porque nos situamos diante de um mistério que nos ultrapassa.

A ressurreição foi pregação de Jesus. No seu tempo havia correntes de pensamento e ensinamentos que a afirmavam em confronto com os que a negavam. Mas como podiam eles entender, afirmando ou negando, o que as Escrituras, em linguagem humana e historicamente situada, registavam? A dificuldade é a mesma que temos nós. E de Jesus, há duas certezas: ele morreu (mataram-no) e Ele está vivo. O mesmo ser que crucificaram e depositaram cadáver no túmulo é o mesmo que aparece vivo, comunica e dá continuidade aos ensinamentos transmitidos. Se até à morte tudo se situava para os apóstolos numa dimensão muito humana, muito deste mundo, embora apontando para a frente, para o que estava para vir, depois da morte eles não têm dúvida:

o Jesus que viram morto está mesmo vivo. E eles vão transmitir, de geração em geração, esta experiência, que tem força para atravessar os séculos e chegar a todas as gerações. Sim, como as que nos precederam, o anúncio da vitória da vida sobre a morte torna-se uma necessidade intemporal. Todos desejamos «vida eterna», vida habitada por Deus hoje e no futuro.

Tal como os discípulos ou as santas mulheres que viveram os acontecimentos da Páscoa com Jesus e que preferiram avançar na confiança no Ressuscitado do que permanecer na tranquilidade do razoável, também nós hoje vivemos o eterno confronto entre a fé e a razão, assumindo que aquela leva-nos muito mais longe do que esta. Vivemos com aquela mas não desprezamos esta. Felizes de nós que acreditamos. Hoje, dia de Páscoa, «tocamos» o mistério central da nossa fé. Não somos seguidores de um Cristo derrotado na ignomina da cruz, mas de um Cristo glorioso que venceu a própria morte e nos convidou a fazer da vida uma permanente transformação de tudo o que cheira a morte em novidade de vida.

Recolhidos nas nossas casas, devido a uma pandemia que semeia a morte, arrancamos do nosso silêncio forçado diante dos túmulos vazios do nosso tempo, um hino à Vida, capaz de despertar à nossa volta, a confiança no Deus verdadeiro, de onde vem a força para mantermos viva a Esperança.

Que cada um de nós se deixe surpreender como as mulheres e os discípulos na sua ida ao túmulo. E que tudo, no hoje e sempre das nossas vidas, seja compromisso de vida para que Ele continue a dar sentido de novidade e de vitória a todos aqueles que Ele veio para salvar.

O Prior – P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO **Este é o dia que o Senhor fez:**
DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR **exultemos e cantemos de alegria**

Segunda, 13 – Leituras: Act 2, 14. 22-33
Mt 28, 8-15

Terça, 14 – Leituras: Act 2, 36-41
Jo 20, 11-18

Quarta, 15 – Leituras: Act 3, 1-10
Lc 24, 13-35

Quinta, 16 – Leituras: Act 3, 11-26
Lc 24, 35-48

Sexta, 17 – Leituras: Act 4, 1-12
Jo 21, 1-14

Sábado, 18 – Leituras: Act 4, 13-21
Mc 16, 9-15

DOMINGO, 19 – II DA PÁSCOA
Leituras: Act 2, 42-47
1 Pedro 1, 3-9
Jo 20, 19-31

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 26 – 10,00
- Família n.º 586 – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 30,00 euros

A transportar: 21.158,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 13 – Manuel José Oliveira Carvalho (22º aniv.)

Terça, 14 – Andreia Sofia Ramos Vieira

Quarta, 15 – Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós

Quinta, 16 – *Intenções colectivas:*

- Abílio Miranda
- Venâncio Bonifácio Miranda Arantes e esposa
- Maria Rosa Ferreira e João Cruz da Costa

Sexta, 17 – Paula Maria Correia Pedras Vasconcelos do Vale

Sábado, 18 – *Intenções colectivas:*

- Jorge Martins da Silva Correia
- Tia Ana de Rosa Lopes
- Manuel Pereira de Sousa Monteiro, esposa Amélia da Silva e família
- Fernando Araújo Pinto, Maria da Paz e Fernandinha
- Maria do Carmo Silva Costa (4º aniv.)
- Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João Manuel e Domingos
- Francisco Ferreira Souto Cardoso e esposa
- Carlos José Oliveira da Silva
- José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís

Domingo, 19 – 11.00 – Missa pelo povo

PÁSCOA COM A VIDA QUE VENCE O COVID!

1. De uma forma arrepiantemente inopinada, eis-nos a reaprender a viver. As nossas correrias abrandaram. Os nossos objectivos paralisaram. A poluição reduziu. A natureza como que se regenera.

2. O que não foi conseguido por decisões tomadas ao mais alto nível está a ser alcançado por efeito de um tortuoso «vírus». É este ser insignificante – mas terrivelmente eficaz – que desencadeou uma arrasadora mudança em todo o planeta.

3. Pena que tal mudança seja à custa de tanta dor e de tanta morte. Não é por acaso – nada é por acaso – que o «vírus» tem o significado de «veneno». Ele está a desarrumar o que pensávamos ter completamente arrumado. Ou a «arrumar» o que – teimosamente – fomos desarrumando durante décadas.

4. Até a Páscoa vai voltar a ser uma festa de família, como em Israel. Não deixa de ser sintomático notar como um povo que tanto prezava o Templo celebrava a sua principal festa em casa.

5. «A casa – assinala Joseph Ratzinger – aparece como o lugar da salvação e do refúgio» diante das «forças da morte, da destruição e do caos». A casa e a família eram «o baluarte de protecção da vida, o lugar onde há segurança e paz».

6. No tempo de Jesus, embora os cordeiros fossem imolados no Templo, «a Páscoa era celebrada em casa, nas famílias». Também Jesus «celebrou a Páscoa em casa, com a família, com os apóstolos, que se tinham tornado a Sua nova família».

7. É o que nós somos chamados a fazer – literalmente – nesta Páscoa.

Porque Jesus ofereceu a vida para que nós tenhamos vida (cf. Jo 10, 10), é Sua vontade que preservemos a vida. Só preservando a vida, poderemos dar a vida.

8. Em família, teremos então uma Páscoa com a Vida que vence o COVID. Ao precavermos a nossa vida, estaremos a mobilizarmo-nos para acolher – e testemunhar – Aquele que é a Vida (cf. Jo 14, 6). É tal como aconteceu no dia da Ressurreição, Jesus também nos visitará em nossa casa (cf. Jo 20, 19).

9. Estaremos envolvidos nas celebrações da Eucaristia pelos meios que a difundem. Não podendo ter uma participação física, é possível manter uma participação mística, espiritual, que também é valiosa.

10. Não esqueçamos que, além da quarentena com que preparou a Sua missão (cf. Mt 4, 2), Jesus ressuscitado também apareceu aos discípulos durante uma quarentena, preparando-os para os enviar em missão (cf. Act 1, 3).

O número quarenta simboliza a preparação, a mudança, a conversão. Antecipa, por isso, o tempo novo e a vida nova, doados na Páscoa. Quando cair o COVID, levantemo-nos para anunciar a todos a vida nova: Jesus Cristo, morto e – para sempre – ressuscitado!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 07.04.2020



“Nossa Senhora não quis tirar nenhum título de Jesus; recebeu o dom de ser sua Mãe e o dever de nos acompanhar como Mãe, de ser a nossa Mãe. Não pediu para ser uma quase-redentora ou uma corredentora: não”, indicou o Papa. O Redentor é um só e este título não se duplica. [Maria] Somente discipula e Mãe. E assim, como Mãe devemos pensar nela, devemos procurá-la, devemos rezar-lhe. É a Mãe. Na Igreja-Mãe. Na maternidade de Nossa Senhora vemos a maternidade da Igreja que recebe todos, bons e maus: todos”. *Papa Francisco, 3/4/2020*

CuidaDeTodos

VOLUNTÁRIOS PARA OS LARES DE IDOSOS

Hoje estamos perante um novo desafio nas nossas vidas. Mais do que um desafio de sobrevivência económica, estamos perante um desafio civilizacional e para o superarmos temos de mudar a nossa forma de estar na vida, temos de nos afastar, de permanecer (sempre que possível) isolados, sem contacto físico.

Sabemos pouco sobre o covid 19, mas sabemos que os nossos idosos, aqueles que sempre cuidaram de nós, são uma população duplamente fragilizada: pela doença e pelo isolamento.

A iniciativa cuidadetodos pretende angariar voluntários que queiram prestar serviço em lares e instituições de apoio a idosos.

O Governo lançou a campanha “Cuida De Todos Nós”, uma iniciativa para angariar voluntários que queiram prestar serviço em lares e instituições de apoio a idosos.

Alguns paroquianos quiseram abraçar esta iniciativa e inscreveram-se para ajudar em todos os Lares do Concelho de Barcelos.

FAÇAMOS CONHECER E AMAR MARIA

A PARTIR DE 2009, A VIRGEM MARIA VISITA, NOVAMENTE, CRISTÃOS E MUÇULMANOS DO EGITO

Quarenta e dois anos após as aparições de Zeitoun, dez anos após as ocorridas em Assiout, centenas de egípcios, tanto cristãos quanto muçulmanos, declaram ver a Virgem Maria, nos dias de hoje. Mesmo diante de painéis (pogroms de perseguição) anticristãos, como cenário.

‘El Adra, El Adra!’ (A Santíssima Virgem, a Virgem!) Este grito, em árabe, se funde, logo que a forma luminosa – que se supõe ser Nossa Senhora – se move na fachada da igreja do Arcanjo Miguel, em El Waraq no Baixo Egito. Waraq el Hadar é uma ilha do rio Nilo, perto das famosas pirâmides de Gizé. Parece que esta forma luminosa, reconhecida como a Virgem, pelas multidões, aparece lá, desde dezembro de 2009.

Como sempre, no Egito, cristãos e muçulmanos a veem. Essas aparições luminosas lembram as de Zeitoun, sucedidas em 1968. Mas se, em 1968, algumas fotos raras foram feitas, em 2009 a técnica evoluiu tanto, que todos os assistentes filmaram as aparições com seus celulares e esses vídeos amadores floresceram no You Tube, Dailymotion e Facebook ao redor do mundo.

Em 20 de dezembro de 2009, a aparição se estendeu durante toda a noite e enormes pombas de luz, voavam, em grupos de três ou de sete. No dia 22, luzes extraordinárias foram vistas em todo o Cairo. Mais de cem mil pessoas as viram ao mesmo tempo. Simultaneamente, as pessoas viram a mesma cena no céu, de um lado ao outro, desde a gigantesca aglomeração do Cairo (a segunda maior megacidade do mundo, após o México) como em Choubra, Zeitoun, Ezbet el Nakhil, nos trapeiros e farrapeiros do Cairo, mas, igualmente, quase em todo o Egito: no Delta, no oásis de Fayoum, em Port-Said, em Minia, na parte central do Egito, e até no Alto Egito, em Luxor e em Assuã.

Esses fenômenos inexplicáveis são comentados apaixonadamente pela televisão nacional e pelos jornais, sem que ninguém sonhe negá-los...

Essas manifestações, descritas como sobrenaturais, foram confirmadas pelo bispo ortodoxo copta de Gizé, Monsenhor Teodósio. Elas intervêm em um contexto doloroso, visto que o povo se lembra do fuzilamento ocorrido em Nag Hammadi, no Alto Egito, onde sete fiéis, ao sair da santa Missa da meia-noite, entre eles, um jovem de 19 anos, Abanoub, foram mortos por metralhadoras na Noite de Natal ortodoxa (6 de janeiro).

Para os coptas, não há dúvida de que essas aparições são verdadeiras: parece claro que a Mãe de Deus, ao se tornar visível aos muçulmanos, apresentando-se acima das igrejas, quer encorajá-los a não prosseguirem na perseguição aos cristãos.

Marie-Gabrielle Leblanc, jornalista católica francesa, 6 de fevereiro de 2010. France Catholique

SANTOS FRANCISCO E JACINTA: ORAÇÃO CONTRA COVID-19

Morreram com um ano de distância: S. Francisco e Santa Jacinta Marto, a quem Nossa Senhora apareceu na Cova da Iria em 1917, faleceram por causa da gripe espanhola. Francisco permaneceu sereno durante o decurso da doença, período durante o qual recebeu a primeira Comunhão, tendo morrido a 4 de abril de 1919, antes de completar 11 anos. Jacinta sofreu durante um período maior e padeceu mais, falecendo a 20 de fevereiro de 1920, no hospital D. Estefânia, em Lisboa, com apenas nove anos.

O P. Luca Roveda, que dirige uma unidade pastoral na província italiana de Pavia, sentiu que devia «escrever uma oração dedicada precisamente a eles, invocando-os contra a pandemia de coronavírus». O sacerdote considera que se trata «da primeira súplica aos pastorinhos de Fátima escrita a pensar na sua morte por epidemia. D. Conrado Sanguineti [bispo de Pavia] expressou-me o desejo que fosse dada em particular aos catequistas e às crianças da diocese».

Santos Jacinta e Francisco, pequenos videntes de Fátima, por singular graça escolhidos por Maria Santíssima no seu Coração Imaculado para se tornarem grandes testemunhas da luz de Cristo, a vós recorreremos hoje, neste momento de emergência sanitária, de dor e de prova. Há cem anos, ó santas crianças, vós próprias fostes atingidas pela terrível epidemia de gripe espanhola, e carregastes com fé no vosso corpo os sinais e as dores do mal que enfrentastes com maravilhosa fé até à morte cristã.

A nossa Mãe Celeste tinha-vos anunciado a morte prematura, associando-a à paixão de Cristo pela salvação do mundo, e vós, na doença e na agonia, testemunhastes com a contínua oração a total adesão à divina vontade.

Hoje, um século depois, somos devastados por uma outra terrível epidemia, e dirigimo-nos a vós com confiança, para que, através do Coração Imaculado de Maria, que os vossos olhos viram já aqui na Terra, possais obter para nós a saúde da alma e do corpo, uma fé forte e a capacidade de sermos solidários com quantos estão na doença e na provação.

Vós que, com sorriso gentil e mansidão de coração, acolhestes os tratamentos médicos, assisti e protegei todos os médicos e os agentes de saúde no seu desmedido esforço nesta luta contra a doença.

Protegei as nossas famílias, fazendo redescobrir a beleza da oração recitada em conjunto, e em particular o Santo Rosário, que vós apertastes entre as mãos até ao último respiro.

Convosco, pequenos pastorinhos, e com Maria Santíssima, nossa Mãe e Guardiã, com total confiança nos dirigimos a Jesus Cristo, nossa salvação, que na luz pascal vence o mal e a morte. Amén